

“REFAZENDO TUDO, REFAZENDA, REFAZENDO TODA”: NOTAS SOBRE PIBID E ENSINO DE ARTES VISUAIS.

Samira da Costa Sten¹

RESUMO

Visa apresentar proposta de trabalho coletivo, em desenvolvimento no PIBID, em três escolas públicas da cidade de Salvador/BA, experienciado por 24 licenciandos em Artes Visuais, 03 supervisores e uma coordenadora de área. Nesse itinerário formativo, a música “Refazenda” do baiano Gilberto Gil, indicada no título deste resumo, inspirou-nos a reflexão sobre o tempo na formação docente inicial, convocando-nos a compreender que, na contramão da sociedade do cansaço (Han, 2024), estamos interessados em uma formação docente que nos inspire a adiar o fim do mundo (Krenak, 2019). Para tanto, desenvolvemos estratégias de trabalho, visando a construção da identidade docente pela primazia da leitura literária e da seleção de conteúdos. Dito isso, organizamos duas proposições de trabalho: a) Clube de Leitura entre os/as bolsistas, visando promover o debate e a troca de ideias, com vistas ao desenvolvimento da autonomia docente (Freire, 1996) e b) Curadoria Docente que visa a seleção de conteúdos, permitindo ao futuro professor/a assumir como objeto de seu trabalho a seleção explícita dos conteúdos culturais (Santomé, 2009) como forma de garantir um currículo em expansão. O Clube de Leitura e a Curadoria Docente tornaram-se espaços-tempos de debate, interação, estudo concentrado e comprometimento com o devir docente, com a finalidade de promover a atividade intelectual na formação inicial, evitando modelos de formação docente neotecnista à moda neoliberal (Dardot; Laval, 2016). Como resultado, já é notório, entre os/as bolsistas, futuros professores/as de Artes, pensar o exercício do magistério não na lógica capitalista, cujo tempo é acelerado e massificado, mas na forma de vida do abacateiro de Gil que conhece o seu tempo e a sua estação, isto é, refazendo tudo, pensando a si mesmo em sua singularidade e particularidade, contrariando qualquer lógica alienante de reprodução em massa que possa comprometer a função social do trabalho docente.

Palavras-chave: PIBID, Ensino de Artes Visuais, Formação Docente.

INTRODUÇÃO

Abacateiro,
Teu recolhimento é justamente
o significado da palavra temporão,
Enquanto o tempo não trazer teu abacate,
amanhecerá tomate,
anoitecerá mamão.
(Gilberto Gil, 1975)

Este artigo visa apresentar de forma particular a percepção da experiência de coordenação do PIBID para formação inicial dos futuros professores e professoras de Artes Visuais. As questões disparadoras - o quê, como e por que ensinamos tão frequentes nos estudos de planejamento, surgem a todo tempo nos cursos de formação docente, exigindo

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, ministra os componentes de Estágio I e II e Metodologia do Ensino de Artes Visuais. Coordena o Núcleo 2 de Artes Visuais do PIBID que reúne 24 bolsistas e 3 professores supervisores de escolas públicas municipais da cidade de Salvador/BA.





adaptações à fortuna crítica inerente a este campo de estudos. Outra marca de nosso tempo é a demanda por inovações no planejamento da educação pelas atividades de novas metodologias de ensino. Ao que parece o conhecimento, reflexo ainda dos sonhos iluministas, se ajusta às dissimuladas propostas neoliberais que prezam pela adaptação do ser, agora, camufladas pela pedagogia das competências e sua mais nova aliada: as competências socioemocionais que prescrevem o domínio de nossas emoções (Chaves; Evangelista, 2020).

Diante disso, questionamos se é possível superar a lógica enviesada e de traços neotecnicistas para o ensino de Artes Visuais, pautado novamente na polivalência para os professores e professoras de arte em face às exigências da BNCC (Brasil, 2018).

Notavelmente, o professor de Artes que se forma hoje nas licenciaturas de Música, Artes Visuais, Teatro e Dança chegam às escolas de educação básica com a expectativa de colocar em ação, em sua práxis, os saberes disciplinares e pedagógicos apreendidos durante o período da formação inicial. Todavia, o que encontram é um currículo que esmaga as especificidades epistemológicas de cada área de conhecimento, transformando estes campos de saber em unidades de ensino nos livros didáticos, o que contribui ainda mais para ansiedade do jovem docente.

Esse estado de coisas, somada à pequena carga horária do componente curricular de Artes e a precária estrutura física das escolas, aliada à falta de materiais e sem uma sala de aula de arte para realização das aulas; frustra, em muito, os licenciandos e licenciandas que estão em fase de estágio na graduação. Como professora orientadora de estágio na universidade recebo e acolho as frustrações de meus alunos e alunas e busco nas aulas, estratégias de superação desta realidade, mas sabidamente não tem sido fácil contornar tantos desafios.

Desse modo, neste artigo, busco evidenciar o trabalho que desenvolvemos nos componentes de estágio I e II na Faculdade de Educação da UFBA, associados às experiências na Residência Pedagógica (2022-2024) e no PIBID (2024-2026). Para tanto, organizamos nosso trabalho de planejamento com os seguintes interlocutores: Paulo Freire (1996); Krenak (2019; Vigotski (2014) e Han (2024). À vista disso, este artigo se organiza com introdução, desenvolvimento: dividido em Clube do Livro e Curadoria Docente, metodologia, resultados e por fim, as considerações finais, visto que trabalho está em andamento até outubro de 2026.

II. DESENVOLVIMENTO

a) Clube do Livro:





Organizar e promover o planejamento semanal de 24 bolsistas com necessidades e especificidades singulares, alocados em escolas públicas da cidade de Salvador, somada as demandas do trabalho de dedicação exclusiva que nos exige a universidade, é uma tarefa bastante extenuante, cujo controle emocional e a gestão da agenda costumam não ser suficientes, visto que imprevistos podem nos assaltar. Então, como ser criativo, inventivo em uma proposta de planejamento, visando engajamento do grupo?

Foi nesse momento que a música de Gilberto Gil (1975), “Refazenda”, encantou-nos e nos mostrou o quanto estávamos ansiosos e nos forçando a realizar o que não podemos ou não conseguimos fazer. Então, decidimos olhar para os ensinamentos do abacateiro de Gil: parar e olhar para o tempo. Com este propósito, os versos de Gil (1975), “[...] enquanto o tempo não trazer teu abacate, amanhecerá tomate, e anoitecerá mamão”, foram ressignificados, promovendo uma necessidade de alteração do planejamento, mobilizando-nos a pensar que a formação docente inicial não pode se tornar um espaço-tempo de cumprimento de obrigações, em resposta a um tempo vazio, que não nos permite que as experiências comunicáveis benjaminianas façam parte do processo de planejamento (Benjamin, 1994).

Diante disso, surgiu a ideia do Clube do Livro e posteriormente a Curadoria Docente. Com efeito, o ato da leitura é ação incontornável na nossa sociedade, mas o que leríamos em um programa de iniciação à docência?

Explico que gostaria de ler contos de Guimarães Rosa ou livros de Clarice Lispector, com certeza muito contribuiriam com as demandas da sala de aula. Mas diante dos desafios que nos impõe a educação brasileira carregada de seus déficits, outros nomes surgiram para compor o Clube do Livro, especialmente figuras de proa da educação. Importa observar, que optei por escolher as obras a serem lidas pelo grupo, não em um gesto hierárquico e antidialógico, mas no lugar de mediação docente, em que me coloco como curadora das obras. Primeiramente, escolhi uma obra de Lev Vigotski (2014), que possui especial contorno em meus estudos, “Imaginação e criatividade na infância” que trata da atividade criadora, cujo enfoque é defender o acúmulo de experiências anteriores como promotora da capacidade de criar. A dimensão da imaginação como atividade criadora encontra-se em todas as produções científicas e artísticas da humanidade, conforme defende Vigotski (2014), de modo que desenvolvê-la, ampliando o repertório cultural e artístico dos educandos/as por meio de experiências com o mundo e no mundo é a tarefa dos professores e professoras de arte.

Acrescento que neste livro há, no apêndice, uma discussão sobre o desenvolvimento do desenho e suas potencialidades no exercício da criação. Vigotski (2014) defende a mediação como laço entre o conhecimento que está no mundo a e apreensão individual do ser.





Conforme o autor, as interações empíricas e mediadas fornecem o repertório que o sujeito histórico mobilizará em sua experiência concreta, fornecendo-lhe o material para o desenvolvimento dos atos criadores e inventivos. A criança desenha e sente-se à vontade com seus gestos livres sobre o papel, mas a mediação e a interação impulsionam não só o desejo da criança, mas especialmente seu desenvolvimento. Neste contexto de estudos, propusemos apresentar as contribuições da obra de Vigotski (2014) para as aulas de Artes Visuais.

Sendo assim, os/as bolsistas mencionaram as inseguranças que os alunos e alunas nutrem, no contexto da sala de aula, diante das atividades de Artes. Mencionaram algumas expressões corriqueiras ditas pelos alunos e alunas, que sempre dizem que “não tem ideias”, “não são criativos” ou que “travam” diante de uma folha em branco ou quando precisam organizar exposições, instalações, performances e até vídeos.

Em nossas conversas, lembramos que Vigotski (2014) afirma que a criação se realiza pela 1) combinação ou 2) associação dos elementos hauridos da realidade, de modo que

[...] a atividade combinatória da imaginação é extraordinariamente evidente. Temos diante de nós uma situação criada pela própria criança. Todos os elementos dessa situação são conhecidos da criança por sua experiência anterior, de outro modo, ela não poderia ter criado tal situação; todavia a combinação desses elementos constitui algo de novo, resulta da atividade criativa que pertence à criança e não mera reprodução daquilo que ela teve oportunidade de observar e ver. A capacidade de elaboração e construção a partir de elementos conhecidos, constitui o fundamento do processo criativo (Vigotski, 2014, p. 7).

Diante disso, ficou evidente que o trabalho do/a professor/a de Artes Visuais é promover uma gama variada de experiências que propiciem aos/às educandos/as conhecer não apenas a dimensão factual de um conteúdo curricular, ensinado de modo linear e cronológico como se observa, prioritariamente, no Ensino Médio na etapa de preparação de vestibulares e ENEM, mas cabe aos/às docentes promoverem variados procedimentos que mobilizem ações cognitivas e motoras a partir das diversas linguagens e modalidades expressivas que compõem o universo das artes em resposta as potencialidades ontológicas do ser para criação.

Verificamos também que em sala de aula, o que se percebe é uma ação repetidora por parte dos/as alunos/as que se vincula a reprodução de algo já existente. Essa situação se intensifica nos processos de desenhos, já que notamos que se avolumam, entre as crianças e adolescentes, os desenhos de super-heróis dos conglomerados estadunidenses. Tais repetições e reproduções das visualidades impostas pela indústria cultural (Adorno; Horkheimer, 1985) ameaçam o trabalho de criação e imaginação da criança. Compreendemos que é necessário continuar com a superação do mais do mesmo imposto pelo modelo de desenhos prontos e promover formas de valorização e identificação com as singularidades e particularidades advindas do território destes sujeitos, voltando as aulas para aspectos de produção artística





regional e para positivação do imaginário dos/das educandos. Certamente, as obras não se esgotam após a discussão coletiva.

Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Assim, avançamos para a segunda obra, “Ideias para adiar o fim do mundo” do ativista indígena Ailton Krenak. Nas ensinagens de Krenak (2019), que recebeu o título de doutor honoris causa, recentemente na Ufba, aprendemos em grupo debaixo de uma árvore que nosso tempo é especialista em criar ausências. Entretanto, Krenak (2019) apresenta duas estratégias: 1) contar mais uma história e 2) criar nossos paraquedas coloridos. A obra de Krenak (2019) possui além de um escopo crítico essencial ao trabalho de planejamento e formação de concepção docente outra cosmovisão e cosmo percepção de mundo que nos permite questionar os modos e as formas de vida produzidas nas engrenagens do capital. Nutridos por esses saberes ancestrais, acordamos em grupo de não repetir as fórmulas prontas, fáceis e assépticas vastamente sugeridas pelo mercado em aulas apostiladas.



Imagem 1. Acervo do autor. Clube do Livro. Museu de Arte Contemporânea da Bahia.

Penso que o mais importante destes momentos de reflexão e debate são as ressonâncias e ecos que estas obras produzem e produzirão em todos os envolvidos no PIBID de Artes Visuais, o que me faz lembrar o legado de Paulo Freire (1996), na obra Pedagogia da Autonomia, em que apresenta as exigências do ensino como: pesquisa, ética, corporeificação da palavra pelo exemplo, rigorosidade metódica, criticidade, respeito aos saberes dos educandos, comprometimento, entre tantas outras. Bem verdade, que, às vezes, falta a alguns bolsistas a responsabilidade e o real comprometimento que se exige a profissão docente, mas, é, neste momento, que Freire (1996) se faz mais necessário ainda quando afirma sobre a fé no “ser mais”. Adicionalmente, reconhece-se que os níveis de consciência não estão dados, mas vão se dando e se fazendo em cada nova experiência que promovo entre a equipe.

Iniciamos recentemente a leitura da terceira obra, “Sociedade do Cansaço” de Byung-Chul Han, minhas expectativas para esta obra, perpassam o sonho do abacateiro de Gil (1975)



de refletirmos sobre os tempos de alta *performance* e seus prejuízos para nossa saúde emocional e profissional.

Finalizo essa seção sobre leituras e seus atravessamentos, trazendo à memória a conhecida passagem de “Em busca do tempo perdido” de Marcel Proust (2016), que consiste na experiência vivida de Marcel ao comer um bolinho e tomar uma xícara de chá. Neste instante, ele vive uma experiência arrebatadora ao se permitir fazer algo que não tinha por hábito e convidado a fazê-lo, concorda. Marcel experimenta uma poderosa alegria que o transpassa. Ele ativa sua memória involuntária, de onde emerge sua própria história e sua singularidade. Perplexo indaga como tudo que aquilo que sentira e experimentara estava em sua xícara de chá.

Ao lembrar essa obra, desejo que esses futuros/as professores/as, em algum momento, de suas vidas, também sejam preenchidos e preenchidas, de experiências grávidas de boniteza, gestadas agora na formação inicial e que sejam ativadas em seu futuro, quando o cotidiano cinzento desejar se interpor entre eles e seus sonhos.

b) Curadoria Docente:

A Curadoria Docente é um espaço-tempo que acontece no início de nossas reuniões semanais e consiste na apresentação pelos/as bolsistas de artistas ou linguagens artísticas em perspectiva contracolonial e antirracista, visando promover a seleção de conteúdos para sala de aula. Objetiva-se com essa experiência superar a invisibilidade de temas que estão à margem nos currículos, que quando surgem, são tergiversados, estereotipados, apresentados como *souvenir* e desconectados da realidade, os quais são nomeados como currículo turístico por Santomé (2009).

Nossa proposta é a atenção não só aos objetivos e métodos, mas principalmente à seleção dos conteúdos à luz da lei Nº 11.645/2008 que versa sobre a responsabilidade de trazer, nas aulas de Artes Visuais, as contribuições dos povos indígenas e afrodescendentes para formação da sociedade brasileira, visando impedir a continuidade do regime de visibilidades da branquitude.

Os professores e professoras quando chegam à sala de aula, por vezes, se sentem reféns do currículo, esse mal-estar também é sentido pelos estagiários e estagiárias ao prepararem seus planos de aula. Neste momento, é que a curadoria docente faz sentido, pois desde a formação inicial é indispensável pensar criticamente as formas de poder e de disputa que a seleção de conteúdos faz emergir no momento de planejamento. Assim, a estratégia da Curadoria Docente é uma ação programada que visa desenvolver os processos de autonomia docente.



III. METODOLOGIA

A experiência no PIBID exige mobilização de ações cognitivas e reflexivas. Embora não se classifique como uma pesquisa científica, possui epistemologia com enfoque qualitativo para o desenvolvimento da autonomia intelectual, profissional e crítica em contexto da própria prática. Certamente, não faltam dissensos acerca da relação entre ensino e pesquisa. Portanto, não assumo aqui a ideia de professor-pesquisador de sua própria prática, mas a experiência para constituição da identidade docente, que exigirá o estudo ativo deste sujeito, associado ao conjunto de reflexões advindos das vivências em lócus. Como proposição tem-se organizado ao longo de um ano estudos pela prática de leitura de obras e um inventário de artistas que juntos essas ações sustentam o trabalho de construção de autonomia intelectual.

Até o momento, três obras foram selecionadas e lidas pelo grupo, com o prazo de até três meses. O tempo de leitura é dilatado, pois se acumula as demais demandas da faculdade e outras responsabilidades assumidas pelos/as participantes.

Sobre a Curadoria Docente, destaco as mais recentes apresentações, em que uma de nossas bolsistas, Kim Queiroz, que desenvolve atividades de mediação em museus da cidade de Salvador/BA, trouxe sua expertise para reunião semanal em forma de qualificada mediação sobre a *Irmandade da Boa Morte*. Também Edu Rodovalho que realizou curadoria sobre possíveis jogos eletrônicos que poderiam ser trabalhados em sala de aula para promoção da imaginação dos/as educandos/as.

Neste momento, outubro de 2025, estamos lendo a 3ª obra do Clube do Livro e seguindo com as apresentações individuais da Curadoria Docente. Entre os 24 bolsistas menos da metade apresentou sua curadoria docente até o momento, porém este Edital do PIBID se estende até outubro de 2026. Para as apresentações da Curadoria docente, os/as bolsistas utilizam slides como recurso didático, tendo em vista o uso de diversas imagens e a necessidade de navegação em sites.

IV. RESULTADO

Apresento como resultado deste trabalho de construção de planejamento docente a abertura de consciência que estes momentos nos possibilitam. Assim, entre textos e imagens vamos montando um inventário de novas visualidades, tendo em vista uma ação didático-





metodológica que projeta caminhos de autonomia e investigação destes jovens professores e professoras para uma nova política visual.

O conjunto dessas ações, visa organizar a prática pedagógica em uma tentativa de superação de aulas de Artes Visuais que mobilizam tão somente o ensino da história da arte e que pouco contribui com os processos criativos dos alunos e alunas em contexto escolar.

Percebo que há um engajamento dos bolsistas para uma educação contracolonial e antirracista, pois é unívoco que temas como feminismo negro, superação da demonização das religiões de matriz africana e temas que perpassam raça, classe e gênero são as questões de monta tratadas nas reuniões semanais e apresentadas nas curadorias.

Notavelmente, reconhecemos os limites que o Pacto da Branquitude (Bento, 2022) ainda impõe em nosso imaginário social, porém posso afirmar, pela experiência vivida no PIBID de Artes Visuais da UFBA, que os mares que navegamos, já não são mais, os mares nunca antes navegados dos sonetos do poeta português Luís Vaz de Camões (1580).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento crítico mobilizado pelas leituras e trocas que realizamos semanalmente nos fortalece na busca por uma sociedade mais justa e democrática. Neste sentido, não é delírio apostar na educação como espaço possível do debate e das mudanças que a sociedade precisa enfrentar.

A socialização profissional iniciada na formação inicial no espaço da universidade pública pretende-se crítica, progressista e questionadora de toda forma reacionária que ainda estrutura a sociedade brasileira. Ouço sempre meus alunos-estagiários e alunas-estagiárias voltarem das escolas com a certeza de que são as aulas de arte um refúgio para os jovens, crianças e adolescentes se expressarem e subverter, na sala de aula, a lógica disciplinar de controle do corpo e engessamento do pensamento. Afirmam que o desejo pelas aulas de arte é latente entre toda a comunidade escolar.

Passados alguns anos acompanhando alunos e alunas em sua formação inicial, percebo que as inseguranças e temores são dissipadas quando estão seguros do conteúdo e da concepção docente e pedagógica que devem assumir na sala de aula. Nessa direção, as leituras e as práticas de estudo ativo em reuniões semanais vão afirmando a concepção docente destes jovens professores e professoras. Adiciono o domínio do conhecimento que a Curadoria docente possibilita na construção do planejamento, formando uma concepção pedagógica em diálogo com as necessidades mais urgentes da sociedade.





Concluo que estamos *pari passu* com Gilberto Gil, pois estamos “Refazendo Tudo, Refazenda, Refazendo Toda”, mas ainda estamos conscientes de que as lições do Abacateiro de Gil não estão todas incorporadas em nossas ações, porque ainda nos aflige prazos e metas a serem cumpridos. Entretanto, espero que neste processo de se refazer, consigamos internalizar que o “recolhimento é justo” e que as incertezas surgem. Por outro lado, é também certo que se procurarmos no abacateiro, no tempo certo, encontraremos seus frutos. Desejo que assim seja conosco também e que não usemos justificativas inconsistentes, guardadas os limites sócio estruturais que esta afirmação evoca, para nos eximirmos do trabalho sério, árduo e comprometido de darmos frutos na estação própria.

REFERÊNCIAS

ADORNO. Theodor. Horkheimer Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Lei Nº 11.645, de março de 2008**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [...]. Brasília, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 06 out. 2025.

BRASIL. Ministério da educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 18 out. 2025.

CHAVES, Priscila. EVANGELISTA, Olinda. **Contra Poder**. Servidão benevolente até a morte. 2020. Disponível em: <<https://contrapoder.net/colunas/servidao-benevolente-ate-a-morte/>>. Acesso em: 13 outubro. 2025.

GIL, Gilberto. **Refazenda**. Warner Music, 1975. Álbum: 37min28s.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: no caminho de Swann. 4 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.





VIGOTSKI, Lev. **Imaginação e criatividade na infância.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

